

A "solução definitiva" para a dívida

REALI JÚNIOR
Enviado especial

VIENA — O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, está convencido de que o Brasil só não voltou ainda a operar no sistema financeiro internacional, em função da maneira tradicional como a dívida externa é tratada. Ele classificou, ontem, esta fórmula de "pouco imaginativa", mas garantiu: a proposta que o Brasil vai encaminhar aos credores internacionais é "uma solução definitiva do problema da dívida, para nós e para os bancos".

O ministro está na capital austríaca para falar, esta manhã, no

"I.S. Congressional Summit, an Economic Agenda for 1990", quando deverá traçar as principais linhas do que poderá ser a proposta brasileira. Segundo o ministro, nas conversas que manteve, ontem, em Viena, a disposição do Brasil é vista como algo natural, que estava para acontecer. Mas o ministro só admite suspender a moratória e concluir um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), para obter dinheiro do Clube de Paris e dos bancos japoneses, no final do processo de negociação, que deve ser iniciado até o final do mês.

As notícias publicadas nos Estados Unidos dizem que a viagem de Bresser Pereira ao país seria para "desarmar uma bomba prestes a estourar", diante do que o ministro brasileiro explicou que, para algumas pessoas, a atual disposição do Brasil pode ser considerada uma bomba no sistema financeiro internacional, mas que, na verdade, não é nada disso: "Trata-se de algo muito razoável, pois garante o retorno razoável sobre o valor da dívida".

O ministro acredita que existe uma idéia de que são os radicais que impedem a volta do Brasil ao sistema, mas para ele, o Brasil só não voltou ainda em razão da fórmula tradicional com que a dívida é negociada. Ele acredita que os bancos acabarão aceitando a proposta brasileira, apesar das primeiras reações negativas já observadas — para o ministro, os bancos só poderão reagir quando conhecerem a proposta integral, "o que não é o caso atual".

CONSULTAS NA EUROPA

O assessor especial do Banco Central, Fernão Bracher, recebeu como missão a realização de consultas a



Para Bresser, não há bomba prestes a estourar e a proposta brasileira garante o retorno razoável do valor da dívida

personalidades importantes, na Europa, mas até agora não conseguiu qualquer resultado. Já passou pela França, Suíça e Alemanha, devendo estar na Grã-Bretanha na segunda-feira. Na quarta-feira, Bracher, em companhia de Antônio de Pádua Seixas, estará seguindo para Amiens, no interior da França, onde se encontrará com o presidente do Banco da França, Jacques De Larosiere. O primeiro balanço dos contatos já realizados será feito hoje, em Viena, quando Bracher e Bresser Pereira estarão reunidos.

O ministro da Fazenda explicou que, desde 1982, houve uma tentativa de resolver a crise como se fosse um problema conjuntural e que bastariam financiamentos para se encaminhar uma solução. Para Bresser, a abordagem fracassou de todos os pontos de vista. Os devedores permaneceram estagnados e passaram a transferir recursos para o Exterior. As taxas de inflação foram aumentadas pelas constantes desvalorizações

cambiais. Além do mais, atualmente, na sua opinião, não existe nenhuma perspectiva de mudança, lembrando que as possibilidades de comércio mundial são péssimas. Também para os credores a tentativa malogrou, segundo o ministro, porque eles deixaram de exportar para os países devedores — só os EUA deixaram de vender entre 30 e 40 bilhões de dólares anuais.

E, finalmente, os bancos foram capazes de reduzir sua dependência nos últimos anos, mas, em compensação, foi ficando cada vez mais claro para eles que essa dívida é inabravável e isso o próprio mercado financeiro em que operam tem mostrado.

AS LINHAS PRINCIPAIS

Mesmo não estando, ainda, totalmente definida, Bresser Pereira repetiu algumas linhas principais da proposta que está sendo preparada. Disse que a dívida aos bancos é avaliada em US\$ 64 bilhões (anteontem ele falou em US\$ 70 bilhões) será dividida em duas partes, sendo 50% dela negociada em novas bases, transformando-a em títulos a uma taxa de juros fixa, que representará um desconto sobre a dívida nos primeiros anos, mas no final do processo deverá pagar toda a sua dívida. Os 50% restantes serão negociados na base antiga.

O ministro da Fazenda reconhece que o objetivo do País é voltar ao caminho da negociação, mas não ao tradicional e ao convencional, como algumas áreas financeiras da Europa esperavam. Ainda ontem, jornais da Europa, entre eles o especializado em economia da França, *Les Echos*, em artigo sobre a dívida brasileira, afirmavam que o País havia escolhido o caminho da sabedoria, optando pela volta à negociação convencional, o que não corresponde à fala do ministro. O jornal admite que, nos últimos meses, ocorreu uma deterioração das relações entre o Brasil e seus credores, a ponto de bancos norte-americanos ameaçarem proceder uma desclassificação da dívida brasileira, aumentando suas reservas contra eventuais não pagamentos do Brasil.

Sobre isso, o ministro Luiz Carlos Bresser Pereira preferiu não falar, limitando-se a responder: "Estou fazendo a minha negociação. Isso é problema deles, não meu".